

Artigo

O livro para criança: bem cultural simbólico e/ou produto mercadológico

El libro para niño: bien cultural simbólico y/o producto de comercialización

The book for child: symbolic cultural asset and/or marketing product

Cristina Pereira Moreira¹ , Zair Henrique Santos¹ 

¹ Universidade Federal do Oeste do Paraná, Cascavél, PR, Brasil

RESUMO

Este artigo discute sobre o objeto livro para crianças, em uma perspectiva conceitual que percorre do universal para o particular – livro, livro para criança; além de trazer um breve olhar sobre criança e infância nesse universo. Tais discussões ocorrem por meio de estudo bibliográfico, no âmbito de abordagens sobre a concepção de literatura humanizadora, do livro no universo da indústria cultural, da construção processual do livro, a criança e as infâncias, as quais provocam reflexões acerca da dialética entre livro como bem cultural simbólico e produto mercadológico. Sendo o livro para criança discutido como um objeto, oriundo do trabalho de criação, edição, produção e publicação, que se materializa por meio da leitura, do encontro entre autor e leitor e das artes que nele se apresentam.

Palavras-chave: Livro; Criança; Infância; Livro para criança

RESUMEN

Este artículo analiza el objeto de los libros para niños, en una perspectiva conceptual que va de lo universal a lo particular –libro, libro para niños; además de brindar una breve mirada a los niños y la niñez en este universo. Tales discusiones se dan a través del estudio bibliográfico, en el ámbito de abordajes sobre la concepción de la literatura humanizadora, el libro en el universo de la industria cultural, la construcción procedimental del libro, los niños y las infancias, que provocan reflexiones sobre la dialéctica entre el libro como simbólico bien cultural y producto de comercialización. Se analiza el libro para niños como un objeto, surgido del trabajo de creación, edición, producción y publicación, que se materializa a través de la lectura, el encuentro entre autor y lector y las artes que en ella se presentan.

Palabras clave: Libro; Niño; Infancia; Libro para niños

ABSTRACT

This article discusses the object of books for children from a conceptual perspective that ranges from the universal to the particular – book, book for children; in addition to providing a brief look at children and childhood in this universe. Such discussions occur through bibliographical study, within the scope of approaches to the conception of humanizing literature, the book in the universe of the cultural industry, the procedural construction of the book, and children and childhoods, which provoke reflections on the dialectic between the book as a symbolic cultural asset and a marketing product. The book for children is discussed as an object, arising from the work of creation, editing, production, and publication, which materializes through reading, the meeting between author and reader, and the arts presented in it.

Key words: Book; Child; Infancy; Book for children

1 INTRODUÇÃO

O livro para criança vem sendo estudado constantemente em suas diversas nuances, sobretudo, impulsionado pela contínua alta na indústria editorial e pelas leis vigentes no país que tratam da distribuição de livros, como, por exemplo, a Lei nº 13.696/2018 que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), o Decreto nº 7.559/2011 e atualizações que dispõe do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL); além de outras leis que tratam de alterações curriculares e que impactam na produção e na distribuição de livros para criança.

Há um cenário instigante para a pesquisa sobre o objeto empírico em questão. As discussões, estudos, pesquisas e eventos promovidos pelas instituições que regem, promovem, estimulam a leitura e a literatura no Brasil, dentre as quais estão a Câmara Brasileira do Livro (CBL), a Biblioteca Nacional (BN), a Academia Brasileira de Letras (ABL), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) estabelecem, de certo modo, o caminhar dos escritores, ilustradores, das editoras, dos estudiosos e pesquisadores, dos educadores, dos bibliotecários e tantos outros que fazem parte desta engrenagem complexa, que se solidifica em meio a contradições e alinhamentos.

Os apontamentos aqui realizados não serão conclusivos, muito pelo contrário, têm o objetivo de provocar reflexões importantes sobre nosso objeto e foram construídos por meio de estudos bibliográficos, a partir da etimologia que, por vezes, traremos em uma concepção poética, como muito bem fizeram Lajolo e Zilberman (2017), o olhar humanizador de Candido (2011), o livro na indústria cultural, tratado por Darnton (2010), a construção processual do livro, com Hansen (2019), a materialidade do livro, apontada por Chartier (2010), a criança e a infância, como apontam Bissoli (2014), Mello (2007) e Farias, Britto e Santos (2020).

1.1 O Objeto Livro: tecidos gerais

A olho nu, enxergamos um objeto¹, em geral, retangular, de tamanhos variados, espessuras diversas e que leva nosso pensamento, de forma imediata, a imaginarmos algo cheio de palavras, ou seja, o texto². Embora pareça fácil, o simples ato de descrever o livro nos causa bastante incômodo, no sentido de investigar o que é o livro? E de forma mais específica, o que é o livro para crianças? O que o caracteriza? Cabe o registro sobre a diversidade estrutural que o livro tem na contemporaneidade, tanto em relação à forma (estrutura), quanto em relação ao tema (conteúdo).

Iniciamos considerando dois aspectos fundamentais: 1) a etimologia da palavra livro, do latim "*Liber*" - que significa "película livre, entrecasca de árvore, fibrosa que servirá de papel". (Portela, 1984, p. 114). 2) a origem do livro, que também aparece sob duas perspectivas, conforme Yvesmollier (2009, p. 522): "a transformação material do suporte livro" e a "forma simbólica". Sobre a primeira o autor afirma:

[...] dos ossos de mamíferos e cascos de tartaruga até estelas de pedra da China antiga e tabletas de argila da Mesopotâmia. Em seguida, vieram os rolos de papiro do Egito dos faraós e os pergaminhos da Biblioteca de Alexandria, antes de aparecer, em torno dos séculos I e II da era cristã, a substituição do volume pelo códice, e dois mil anos mais tarde, do códice pela tela plana ou reader.

¹Do latim "*obiectus*" algo que está adiante, coisa material.

²[...] é um *constructo* que é preciso desconstruir e reconstruir e isso exige esforço, embora não signifique que seja isento de prazer. (Bértolo, 2014, p. 48)

Trata-se de uma concepção de evolução histórica diretamente relacionada ao material utilizado pelos homens, em diferentes momentos e lugares, para produzir o que hoje, convencionalmente, chamamos de livro. Já na segunda, o autor nos chama atenção para a construção de sentido, expressa na materialidade do livro. Refletir sobre o sentido que há em toda essa construção que perpassa pela criação do escritor, pela matéria-prima, pelo projeto gráfico, pelo texto, pelas imagens, que envolvem o escritor, os diversos profissionais da produção editorial e o leitor, o que nos coloca diante de um desafio instigante e necessário, sobretudo, nos dias atuais.

Baseamo-nos em Lajolo e Zilberman (2017, p. 23 - 25), as quais apontam uma profunda inquietação ao questionar “Que coisa é o livro?”, por meio do poema de Carlos Drummond de Andrade

Que coisa é o livro? Que contém na sua
frágil arquitetura transparente?
São palavras, apenas, ou é a nua exposição
de uma alma confidente?
De que lenho brotou? Que nobre instinto
da prensa fez surgir esta obra de arte.
Que vive junto a nós, sente o que sinto
e vai clareando o mundo em toda a parte?
Meu caro José Olympio, sê louvado
pelos livros que o tempo vai guardando
nascidos de teu sonho no passado,
pois cada livro ao tempo irá lembrando
o que a vida de um homem pode ser
quando ele sabe amar e compreender

No poema, há um chamado a refletir sobre o que é o livro, considerando o aspecto estrutural, “Que contém na sua frágil arquitetura transparente?”; em relação ao texto escrito, qual sua estética, como no verso, “São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma confidente?”; qual a matéria-prima utilizada, “De que lenho brotou?”; como ocorre o processo de produção editorial, versado no trecho: “Que nobre instinto da prensa fez surgir esta obra de arte”, aqui sendo identificado como um objeto que contém arte; bem como sobre a funcionalidade do livro, como em “Que vive junto a nós, sente o que sinto e vai clareando o mundo em toda a parte?”, ou mesmo em “pelos livros que o tempo vai guardando”; traz indícios de impactos da relação do livro com o homem ou vice-versa, como nos últimos três versos “pois cada livro ao tempo irá lembrando/o que a vida de um homem pode ser/ quando ele sabe amar e compreender”. Interessante observar e considerar que anteriormente, o poeta já aponta para uma definição de livro como uma obra de arte, identificando a possibilidade humanizadora que o texto “obra de arte” traz por meio do objeto “livro”.

Ao falar dessa possibilidade humanizadora, apoiamo-nos no que diz Candido (2011, p. 182)

Entendo aqui por *humanização* (já que falo tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Outro poeta que versificou sobre o livro foi João Cabral de Melo Neto, presenteados-nos em ao menos dois momentos de sua produção, em “O poema”, de “O Engenheiro” (1945) e em “Para a Feira do Livro” (1966), respectivamente:

O papel nem sempre
é branco como
a primeira manhã.
É muitas vezes
o pardo e pobre
papel de embrulho;
É de outras vezes
de carta aérea
leve de nuvem.
Mas é no papel,
no branco asséptico,
que o verso rebenta.
Como um ser vivo
pode brotar
de um chão mineral?
Folheada, a folha de um livro retoma
o lânguido vegetal de folha folha,
e um livro se folheia ou se desfolha
como sob o vento a árvore que o doa;
folheada, a folha de um livro repete
fricativas e labiais de ventos antigos,
e nada finge vento em folha de árvore
melhor do que o vento em folha de livro.

No primeiro poema, o poeta nos faz olhar para o processo de origem dos versos que venham compor o livro, como nas duas últimas estrofes. Faz referência à matéria-prima utilizada para produzir o livro, como nos versos: “o papel nem sempre/papel de embrulho/ Mas é no papel”, dialogando claramente com a perspectiva etimológica da palavra livro, conforme apresentamos no início desta discussão. Já no segundo poema, Melo Neto faz um jogo sonoro com as palavras, de modo a estabelecer duplo sentido à palavra “folha”, associando tanto a folha do livro quanto à folha da árvore. O fato é que, por meio dos poemas, é possível compreender uma definição de livro que está diretamente associada à sua estrutura, na medida em que dá destaque à matéria - prima, bem como, ao seu conteúdo ou, ao menos, uma das possibilidades dele.

Ainda considerando Lajolo e Zilberman (2017, p. 23 - 25), ao falarem sobre o livro, compreendemos que se trata de um objeto que surgiu no século I d. C., cuja difusão só se ampliou em meados do século XV, é essa coisa versada de forma questionadora por Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. De modo a provocar reflexões sobre a origem, o papel, a industrialização do livro, além da dimensão emocional e intelectual que este alcança, as autoras discutem a respeito da impossibilidade de falar sobre “o livro com segurança” dada às imposições de novas tecnologias, as quais estabeleceram “outros formatos e materiais, novos modos de produção e de circulação, distintas maneiras de leituras, restaurando em muitos casos as relações entre comunicação, corpo, voz, olhar e gesto” (Lajolo; Zilberman, 2017, p. 26).

É o livro esse objeto que se construiu, também, por meio de uma história. Os avanços em relação à sua produção e ao seu uso não se limitam aos aspectos tecnológicos, evoluíram de tal forma, que já se organiza como disciplina de campo de estudo. Ampliando o que

as autoras nos trazem como indícios históricos, vamos apontar sobre o que diz Darnton (2010, p. 177), no século XIX, momento em que houve um marco importante, “a ascensão da bibliografia analítica na Inglaterra”.

Na década de 60 do século XX, intensificou-se os estudos a respeito do livro, incluindo-o nos temas investigados pela “escola dos Annales” de história socioeconômica. Aqui identificamos a tentativa de pesquisa sobre as tendências da indústria do livro, por meio de compilamento de material, da investigação de material de bibliotecas, do tratamento de modo diferente dos temas conhecidos, pesquisaram sobre a experiência literária dos leitores, conforme Darnton (2010, p. 177) aponta

Em vez de se deterem em minúcias bibliográficas, tentaram descobrir o modelo geral da produção e do consumo livreiros ao longo de extensos períodos de tempo. Compilaram estatísticas a partir de requisições de privilèges (uma espécie de copyright), analisaram o conteúdo de bibliotecas particulares e rastrearam correntes ideológicas estudando gêneros esquecidos, como a *bibliothèque bleue* (brochuras primitivas). Não se interessavam por livros raros e edições de luxo; concentraram-se nos tipos mais comuns de livros, pois ansiavam revelar a experiência literária de leitores comuns. Abordaram de forma inusitada fenômenos conhecidos, como a Contrarreforma e o Iluminismo, mostrando que, em termos de oferta, a vanguarda era superada pela cultura tradicional nos livros consumidos por toda a sociedade.

Esse momento resultou numa intensa movimentação de estudos sobre a história do livro, mundo afora. Robert Darnton nos brinda com fatos referentes ao século XVIII e descreve sobre as “malandragens” do processo de produção e comercialização dos livros, exemplificando com um caso bem peculiar, a “história editorial de *Questions sur l'Encyclopédie*, de Voltaire” e a relação com o livreiro, tomando como exemplo, *Isaac-Pierre Rigaud*, de *Montpellier*. Esse é um caso curioso, porque versa que Voltaire ajudava em versões piratas das obras, o que incomodava os compradores e incomodava mais ainda, porque as artimanhas não eram atribuídas ao autor, e sim aos livreiros.

Este fato curioso nos levou a pensar sobre as estratégias que existem nesse processo de difusão do livro, fez-nos olhar e compreender o livro, também, como uma mercadoria, que pode trazer grandes contribuições para o nosso processo de humanização e aquisição do conhecimento, mas que também, por ser um produto mercadológico, inserido na ideologia do capital, pode despertar no homem o pior de seu ser, o sentimento voraz da ganância.

O autor em questão traz em seu capítulo sobre a história do livro, a relação existente entre a evolução do objeto associada à evolução do mercado editorial, da consolidação originária de ambos, do surgimento do livro impresso e da indústria consolidando-se no mercado. O fato é que os estudos realizados em material do século XVIII, o livro foi um objeto de grande valor mercadológico encontrado, inclusive, como heranças.

O termo objeto, para referir-se ao livro, é bastante comum entre os estudiosos que se propõem falar da temática. No entanto, o sentido que essa palavra ganha em cada abordagem é diverso, não como divergente, muito pelo contrário, como diversidade, como uma ampliação de olhar, como agregação de valor em torno da discussão sobre o que é o livro? Hansen (2019, p. 8 - 9), o define como “objeto material”, concepção que traz o resultado de “processos técnicos, industriais e editoriais da sua produção e publicação” ser uma “mercadoria” devidamente regulada por uma legislação. De modo que, sendo “objeto e mercadoria” subentende-se que passa por “vários processos de distribuição, divulgação, comunicação, controle, valoração, apropriação e uso”.

Por outro lado, o autor aponta a definição de livro como um “objeto simbólico”, na medida em que se trata de um texto com estrutura e forma a partir de vários critérios, podendo ser uma função, uma comunicação e um valor. Nestes, encontram-se as relações culturais do presente e as que os antecedem, a relação entre autor e leitor é o “valor de uso, no interior de um campo simbólico da cultura”, exemplificados aqui com nosso próprio uso - teoria literária, literatura infantil, ilustração e leitura.

Em se tratando de novas tecnologias, não podemos cair na armadilha de tratar o livro apenas no seu formato tradicional, uma vez que no século atual, os avanços em relação à estrutura disponibilizada pelas editoras modificam-se de maneira muito rápida, resultando na disponibilização de estrutura em formato físico e em formato digital. Mas, como afirma Ribeiro (2022, p. 159)

o que se discute aqui, então, não é esse aspecto já amplamente informatizado da edição de livros, mas a geração de um produto que se diferencia, basicamente, em sua etapa de distribuição e consumo, sua forma relativamente nova ou estável, assim como, principalmente, o que ele agora provoca nas práticas de leitura, e vice-versa, quando consideramos as várias tecnologias pelas/nas quais um livro pode existir e existe, hoje.

Nesta perspectiva, diz Chartier (1998, p. 8) “o livro visa instaurar uma ordem, seja na decifração, na compreensão ou no desejo de quem encomenda e permite sua publicação [...] permite capturar as identidades entre os leitores e sua arte de ler”. Portanto, trata-se de uma questão complexa, pois ao modificar ou diversificar a estrutura do suporte, cabe à reflexão acerca de que práticas de leitura o leitor está experimentando? O ato de ler exige quais habilidades ao leitor? O acesso a este bem cultural ampliou-se? O fato é que, para além das transformações estruturais, há as transformações na humanidade, no público leitor.

Não perdendo de vista a complexidade do tema, o livro é essa diversidade, que compreendido como objeto, como suporte, pode ser o resultado de um grande processo, que exige muito esforço por parte dos envolvidos, algo que inicia com o escritor, aquele que produz a matéria bruta, sobre o qual concordamos com Andruetto (2012, p. 55 – 56)

[...]: um bom escritor é um escritor diferente de outros escritores”. Alguém que, pela própria essência do que faz, atenta contra a uniformidade que tende a se impor, resiste, por assim dizer, ao global; alguém preocupado em perseguir uma imagem do mundo e construir com ela uma obra que pretenda universalizar sua experiência.

Tal processo prossegue na produção editorial e, por fim, circula num universo dinâmico e muito criativo, no sentido de promover a leitura, mas que se tratando da indústria editorial, é este um produto rentável e que finalmente chega ao leitor. Segundo Leite (2021)³ “o livro se comunica conosco na sua materialidade, por meio quase sempre da capa e das informações que conseguimos receber no primeiro contato. [...] É o resultado de um processo”. (Informação Verbal)

1.2 O livro para crianças

Assim como iniciamos este tecer em torno da definição do livro, propomos mais uma reflexão, tentando prosseguir em direção ao entendimento sobre o livro para crianças, a partir do poema publicado na mensagem do *The International Board on Books for Young People* - IBBY às crianças do mundo, por ocasião do Dia Internacional do Livro Infantil 2023.

³Definição compartilhada em live por meio do Canal *YouTube* Lelit Ufopa. Lelit é o Grupo de Estudo Pesquisa e Intervenção de Leitura, Escrita e Literatura na Escola, em Santarém-PA, vinculado à Universidade Federal do Oeste do Pará.

Eu sou um livro, leia-me.

Eu sou um livro.
Você é um livro.
Somos todos livros.

Minha alma é a história que conto.
Cada livro conta sua própria história.
Podemos parecer bem diferentes - alguns grandes, outros pequenos,
alguns coloridos, outros em preto e branco,
alguns com poucas páginas, outros com muitas.

Podemos dizer coisas parecidas ou
completamente diferentes,
mas essa é a nossa beleza.
Seria chato ser tudo igual.
Cada um de nós é único.
E cada um de nós tem o direito de ser respeitado,
de ser lido sem preconceitos,
para ter espaço em sua biblioteca.

Você pode ter opiniões sobre mim.
Você pode optar por questionar ou comentar o que leu.
Você pode me colocar de volta na biblioteca.
Vou me segurar bem apertado e viajar comigo por um longo caminho.

Mas nunca deixe alguém me jogar fora
ou me mande pra outra prateleira.
Nunca peça minha destruição, nem permita que ninguém o faça.
Se um livro vier de outra prateleira,
porque alguém ou alguma coisa o afastou,
abra espaço.
Cabe ao seu lado.

Tente sentir como ele se sente.
O entenda. Proteja-o
Você pode estar em seu lugar amanhã.

Porque você também é um livro.
Todos nós somos livros.

Vamos todos nós dizer em voz alta para que todos possam ouvir.
Eu sou um livro, leia-me.

Com uma linguagem simples, ao alcance de crianças, jovens e adultos, o escritor grego Vagelis Lliopoulos registra uma belíssima mensagem, utilizando um jogo de palavras, envolvendo metáforas, como “Somos todos livros”, por vezes personificando o livro, como a própria voz do “eu-poético”. Outras vezes utiliza a comparação entre livro e ser humano, “Todos nós somos livros”. A estética do poema provoca um verdadeiro processo de humanização do leitor em relação ao trato e à importância do livro. A emoção em versos como “Tente sentir como ele se sente”, o apelo em “O entenda. Proteja-o”, a sensibilização “Nunca peça minha destruição, nem permita que ninguém o faça”.

É muito bonito perceber o escritor apresentando a definição na primeira estrofe, num recurso textual em que parte do individual para o coletivo «Eu», «Você», «Somos». Segue as quatro próximas estrofes caracterizando o livro, algo que dialoga com nosso tecido até aqui. Na sexta estrofe há o ponto-chave da relação livro e leitor. Já as últimas seis estrofes são

marcadas por sensibilização e apelo. De modo que, ao longo do texto, há um entrelaçado que provoca um efeito dúbio em relação ao eu-poético, que nos faz perguntar - é um livro falando ao leitor? É um livro falando para outros livros? Trata-se de uma mensagem forte, inquietante, emocionante e humanizadora? Assim como podem ser os livros para criança, na perspectiva apontada por Sandroni (2001, p. 63), a história sendo contada pelo escritor, pelo personagem e pelo próprio leitor.

Por tecer sobre dialética, o livro infantil, para Lajolo (2010, p. 102), é o objeto em que há “a dialética texto/imagem, linguagem verbal/linguagem visual”. Portanto, um suporte que requer do leitor um olhar refinado capaz de compreender as artes que se apresentam - a literatura e a ilustração, além do seu projeto gráfico.

Retangular, quadrado, arredondado, oval, físico - de papel ou de plástico, de texturas inúmeras, coloridos, muitos coloridos, salvo algumas exceções, com tecnologia 3D, capa dura, capa comum, diferentes fontes, com letras em preto e branco ou brilhante, bonito - nem sempre, há aqueles que a depender do gosto do leitor são bem feios. Guardam em seu interior, histórias, as mais diversas - de terror, de aventura, de ação, de fantasia, que podem nos impressionar, decepcionar e muitas vezes nos formar.

Livros infantis ou livros para criança? Eis um dos “nós” a serem desatados. Não se trata apenas de nomenclaturas casuais, como se fossem expressões sinônimas. Para Farias e Fernandes (2019, p. 19), o termo infantojuvenil caracteriza o público ao qual se destina o livro, já o livro para crianças e adolescentes caracteriza o produto em questão. Esta premissa nos faz refletir que ao se tratar de um produto para um público específico, há intrínseco vários aspectos, como, por exemplo, a concepção de infância ou infâncias, a concepção de criança; outros “nós” que aprofundaremos mais adiante.

Na medida em que fomos ampliando as leituras acerca do livro, “cujo leitor imaginado é a criança”, parafraseando (Britto, 2022) ao apontar uma definição sobre literatura infantil, percebemos que não se trata apenas de uma simples questão da forma de chamar, tal discussão traz aspectos como as concepções de criança e infância, demonstra a maneira como os adultos envolvidos na produção desse bem cultural olham e enxergam esse público. Os dois termos em diversas ocasiões são utilizados pelos autores, críticos, teóricos como sinônimos. Estaria esse uso próximo da equivalência por ser esta uma discussão relativamente nova no campo deste objeto?

Sobre isso, observa-se que nas fichas catalográficas, em sua maioria, os livros estão categorizados da seguinte forma: literatura infantojuvenil, literatura infantil e literatura juvenil. Dado importante para refletir sobre o uso do termo “literatura”, estaria este, sendo utilizado considerando o valor estético da obra? Adorno (2011, p. 18) aponta que

A força produtiva estética é a mesma que a do trabalho útil e possui em si a mesma teleologia; e o que chamar a relação da produção estética tudo aquilo que a força produtiva se encontra inserida e em que se exerce são sedimentos ou moldagem da força social.

Ou se trata de um uso do termo “literatura” apenas para finalidade comercial? Por que é importante tal questionamento? Porque se assim for, neste último caso, faz-nos perceber certa banalização conceitual e teórica em relação aos termos “literatura” e “literatura infantil”, constatando que a força do discurso neoliberal, do capital se impõe de tal modo que se coloca tudo dentro de um mesmo balaio e nos comunica, “sem dó, nem piedade”, que qualquer coisa pode ser literatura.

Compreendendo o livro para criança tanto como material cultural simbólico, quanto como material mercadológico, precisamos entender o contexto de sua produção, isso também pode nos dizer da sua definição enquanto objeto. Não temos a intenção de demonizar a indústria editorial de livros para criança no Brasil, o que queremos e faremos são reflexões acerca de como essa indústria da cultura se comporta? Como o bem produzido e disponibilizado para o público infantil impacta positiva ou negativamente as crianças? Como estas têm acesso ao que de melhor se produz neste universo? São questões importantes para discutirmos, considerando que vivemos num país, cujo sistema econômico é o capitalismo.

Em Adorno (2002), por meio da obra “Indústria cultural e sociedade”, encontramos uma crítica contundente em relação ao processo de manipulação das massas, por intermédio de bens culturais, a segregação instituída por uma suposta diversidade de produto, uma vez que há produtos para todo consumidor, sobretudo, se este se comportar em sua respectiva classe, conforme pré-determinado pelos produtos disponibilizados. O autor diz que “Para todos alguma coisa é prevista, a fim de que nenhum possa escapar; as diferenças vêm cunhadas e difundidas artificialmente” (p. 7). Tal condição está diretamente ligada ao comportamento social dos homens, quanto mais se enquadrar de modo a ser dominado, um tanto ainda maior da tal “cultura de massa” é disponibilizada. A questão aqui posta nos leva a pensar sobre como a criança, que ainda está em processo de construção de seu repertório cultural, pode desenvolver seu gosto estético, se tudo que lhe é ofertado não passa de um produto massificado, um instrumento poderoso de alienação.

O autor, assim, intensifica sua crítica,

A violência da sociedade industrial opera nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem estar certos de serem jovialmente consumidos, mesmo em estado de distração. Mas cada um destes é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão, tanto no trabalho quanto no lazer, que tanto se assemelha ao trabalho. (Adorno, 2002, p. 10 - 11)

Não podemos deixar de sinalizar que o autor trata da indústria cultural como um todo, no entanto, nosso objeto de pesquisa, o livro para crianças é um bem cultural produzido nessa indústria, portanto pode estar condicionado a essa mesma violência que o autor aborda. O processo regido pelo capital dá conta de um silenciamento ensurdecador em relação aos criadores - escritores, ilustradores e leitores, uma vez que o produto primário é transformado na indústria editorial num produto atraente ou de pouca qualidade para também ser de baixo custo. De modo que “ninguém enfrenta ao dono atual das palavras: o poder econômico, o mercado e seus profetas - os discursos políticos” (Bértolo, 2014, p. 148).

De fato, esta é uma reflexão que embora necessária, custa caro, pois são muitas as nuances que permeiam este olhar. Retomamos aqui a forma como os livros para criança são categorizados, numa demonstração clara, mas sem generalizações, em que uma expressiva parte dessa indústria demonstra pouca ou nenhuma preocupação com o que se disponibiliza em relação à leitura para crianças. Por outro lado, essa indústria pode ser um importante instrumento de valorização dos artistas, de difusão do bem simbólico livro. Chartier (2001) nos chama atenção para o fato de que “As técnicas mudam e, com elas, os protagonistas da fabricação do livro, mas permanece o fato de que o texto do autor não pode chegar a seu leitor senão quando as muitas decisões e operações lhe deram forma de livro”.

Ao utilizar a terminologia “literatura” nas fichas catalográficas dos livros para criança e ao ler e interpretar o suporte, observa-se que, em muitos deles, não há presença de ele-

mentos estéticos que justifiquem o uso do termo. Ocorre o que Alfonso (2001, p.18) chama de “processo de distorção da essência da palavra”, decorrente de manipulação propositalmente estabelecida, que provoca desgaste e mudança de sentido, portanto, o uso do termo “literatura” pode sim estar associado a uma estratégia mercadológica. Isso pode comunicar que por se tratar de algo para o público infantil, tal equívoco passa despercebido, sinaliza a concepção de criança, podendo ainda prevalecer a ideia de que a criança recebe ordens, informações, sem questionar o adulto, não sendo capaz de distinguir o que está sendo oferecido e o que está sendo entregue.

Deste modo, entendemos que

Ao ser desnaturalizada, a palavra nega a si mesma. Deixa de dizer, de sentir, de expressar. Se enfraquece em sua condição humana e com isso nos coloca em um tal estado de impotência, que fica cada vez mais difícil encontrar orientação, compreender, responsabilizar-nos com o que nos rodeia e em consequência avaliar de forma adequada os fatos e as experiências. (Alfonso, 2001, p.18 - 19)

1.3 Criança e Infância no universo livro

No contexto da produção editorial de livros para o público infantil, literários ou não, entendemos como necessário trazer a discussão sobre as concepções de infância ou infâncias e de criança, uma vez que o objeto de nossa investigação é direcionado especificamente para este público. Iniciaremos aqui a definição de infância, por meio de um entrelaçar poético, de modo artístico e literário.

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
Lia a história de Robison Crusóe,
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
A ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
Chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
Café gostoso
Café bom

Minha mãe ficava sentada cosendo
Olhando pra mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
No mato sem fim da fazenda

E eu não sabia que minha história
Era mais bonita que a de Robison Crusóe.
Carlos Drummond de Andrade

No poema, que Carlos Drummond nomeia como “Infância”, traz uma concepção de criança como um ser histórico, que está inserido numa dada organização social, conforme se observa nos pronomes e substantivos que iniciam os quatro primeiros versos: “Meu pai”,

“Minha mãe”, “Meu irmão”, “Eu”. O poeta traz em seu texto, uma criança real, que tem vontades, opiniões, conceitos ou preconceitos, como nos versos: “Café preto que nem a preta velha/ Café gostoso e Café bom”. Traz uma criança que vive em contato com a natureza e que lê, como apresentado no cenário ao longo do poema e no verso “Lia a história de Robison Crusoé”, uma criança tocada pela leitura, uma vez que se compara ao que encontra no último verso.

Do ponto de vista legal, na Lei nº 8.069/1990 - o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, em seu art. 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (atualizado em 2017). Conforme Daher e Farias (2023, p. 19), “Os bebês e as crianças pequenas têm direitos a bens culturais”, conforme as alterações da Lei nº 13.257/2016, referente às políticas públicas para a primeira infância.

É sabido que no universo da criança, em suas diferentes fases, o livro ganha nova significação. Quando ainda bebê, são objetos pelos quais têm acesso a cores, formas, imagens, elaborado por diversos materiais, podendo ser de pano, de plástico, papel, pode ser sonoro, com tecnologia 3D; na medida em que a criança vai se desenvolvendo cognitivamente, construindo sua memória, o livro ganha novo significado, passa a ser o lugar de buscar histórias, por exemplo, mas o que busca naturalmente é o momento compartilhado com alguém que leia para ela. Quando a criança aprende a ler, só então o livro é visto como material de leitura. Neste sentido, Machado (2012, p. 17) afirma:

Os livros para a criança pequena são, antes de serem materiais de leitura, objetos com formas, cores, figuras. O ato de folheá-lo é inicialmente uma exploração da forma em materiais diversos: papel, papelão, borracha, pano, etc. que, com o tempo e observação dos usos que outras pessoas fazem deles, vão adquirindo modos de usar que indicam algo além da exploração formal.

Ao abordar sobre o desenvolvimento da personalidade e o processo de aprendizagem da criança, Bissoli (2014, p. 595) chama o livro de “objeto cultural” ou “objeto material”, no qual a criança, sendo um ser histórico-cultural, deve ter acesso a diversos objetos que proporcionem esse processo de aprender. Especificamente sobre o suporte de que estamos tratando, a autora afirma que “Os livros são acompanhados por procedimentos de manipulação e de leitura culturalmente elaborados”.

A respeito de infância, Farias, Britto e Santos (2020, p. 124) oferecem a seguinte reflexão

[...] pensar a infância em uma perspectiva que, ao invés de estabelecer o que as crianças são ou deixam de ser, tem como horizonte sujeitos que nascem em um mundo velho, grande e diverso, com todas as suas contradições, e são convocados, desde pequenos, a organizar e a compreender o tempo, o espaço e as relações que os determinam, ininterruptamente.

É fato que as discussões sobre a infância são históricas e ligadas a forma de pensamento relacionado ao desenvolvimento. Na perspectiva neoliberal, por exemplo, a infância é pensada para a criança ser preparada o quanto antes para desenvolver habilidades que possibilitem sua inserção ao mundo do trabalho; daí as crianças virarem uma espécie de “adultos em miniaturas”, ainda que com uso de tecnologias diferentes, o comportamento dos adultos em relação às crianças nos remetem ao modo medieval, época em que as crianças trabalhavam nos mesmos lugares dos adultos.

Hoje, as crianças da classe média, por exemplo, com suas agendas diárias devidamente preenchidas – frequentam aulas na escola formal, no inglês, na música, na prática de

esporte, na dança, na informática, uma concepção de infância distorcida, considerando um olhar humanista, porém também resultado da história, se olhar para o tratamento dado às crianças nos séculos passados, sobretudo nas cortes. No caso de crianças de classes menos favorecidas economicamente, a situação torna-se ainda pior, pois muitas delas aprendem os afazeres domésticos muito cedo, porque os adultos responsáveis por si precisam enfrentar muitas horas de trabalho diário, geralmente na informalidade, saem muito cedo de casa e chegam à noite, ficando às crianças sobrevivendo aos desafios do dia-a-dia. Outras, a situação é muito pior, elas são obrigadas irem à rua trabalhar ou pedir para garantir sua sobrevivência. Sobre esta diversidade de crianças e infâncias, Momo & Costa (2010, p. 5) caracterizam-nas com os termos - “Ambivalência, efemeridade, descartabilidade, individualismo, visibilidade, superficialidade, instabilidade, provisoriedade fazem parte das vidas das crianças de hoje”.

Por outro lado, numa perspectiva de criança como um ser histórico-cultural, Melo (2007) afirma que esta desde pequena consegue explorar espaços, objetos, estabelece relações, elabora explicações. Para a autora, “A infância é o tempo em que a criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas”. (Melo, 2007, p. 90); sendo a brincadeira o instrumento primordial para o desenvolvimento da criança. O livro, um bem cultural, pode ser o suporte em que a criança introduza o que a autora chama de “riqueza da cultura humana”.

2 METODOLOGIA

Nesta investigação perpassamos por um alinhavado de muitas mãos, considerando pesquisa todo o processo que inicialmente começa sem amarras metodológicas, o que não significa despreocupação com o rigor científico, por entendermos que se trata de um processo que “se constitui em uma atividade científica básica que, através da indagação e (re)construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade”. (Lima; Miotto, 2007, p. 39). Olhar que se amplia no sentido de que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (Minayo, 2001, p. 17).

Dito isto, o problema de pesquisa foi construído num movimento simultâneo de leituras e revisão bibliográfica, de conhecimento do universo em que estava inserido o objeto empírico, além de muitos diálogos com pesquisadores do Grupo de Pesquisa, Estudo e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola (LELIT), da Universidade Federal do Oeste do Pará. Nesse sentido, seguiu uma construção processual, alinhado com o que diz Valdemarin (2010, p. 62)

Do delineamento da construção de um objeto de pesquisa, aqui apresentado, emerge a constatação de sua permanente elaboração. A definição de um foco de abordagem e o estabelecimento de fontes documentais pertinentes vão sendo modificados durante a elaboração, entrecruzados com novas possibilidades interpretativas nascidas das interfaces temáticas.

Além disso, com base em Gamboa (2003, p. 397 - 398), a pesquisa começa com a localização do problema, processualmente surgem às questões, que, ao serem qualificadas, tornam-se perguntas possíveis de serem respondidas; estas são bem elaboradas, a partir de uma boa revisão de literatura, levantamento de outras pesquisas no mesmo campo, verificando se a pergunta formulada já não tem respostas, uma vez que a pesquisa se justifica

quando as respostas em torno do problema não estão dadas. Nossa maior preocupação, inicialmente, era ler, estudar, ampliar o olhar sobre a temática, os campos de estudo, a fim de partir para a formulação do problema de pesquisa.

Outro cuidado importante, nesse entrelaçar, foi de construção e ampliação do repertório de leitura dos livros para criança, uma vez que “a pesquisa sobre literatura infantil demanda a leitura de textos do gênero”. (Mortatti, 2001, p. 183). Algo muito claro em relação à construção do repertório estava posto, a leitura destes livros não pode ser uma leitura qualquer. Na medida em que vamos ampliando o conhecimento sobre literatura infantil, análise literária, concepção de criança e infância, vamos nos desafiando a realizar uma leitura dos livros para o público infantil, em conformidade com a perspectiva civilizatória, emancipatória, crítica e humanizadora, apontada por Antonio Candido (2011, p. 176 - 177). Encontramos em Mortatti (2001, p. 183) um olhar bem diretivo em relação à leitura crítica de literatura infantil, que nos exige, enquanto pesquisadores, uma relação, com esse texto, que vai além da relação própria de um leitor, ela nos exige “a busca do distanciamento crítico”, originado em questões aparentemente simples, como as razões que levaram a gostar ou não daquele texto, ou se deve gostar ou não. Essa postura implica em analisar o que a autora chama de configuração textual, numa perspectiva interdisciplinar.

Sobre a criticidade da leitura, do encantamento pelo tema e sobre a própria pesquisa, nos diversos momentos formativos vivenciados no Lelit, Britto (2019, p. 808) é incansável em nos advertir de tal necessidade e nos leva a refletir que “A formação pela pesquisa supõe relação com o conhecimento, atual e potencial, que ultrapasse o pragmático e as demandas imediatas, implicando dinâmica formativa que se espraia para além do objeto sobre o qual incide”.

Nosso fazer a pesquisa entende que a revisão bibliográfica consiste “um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa” (Lima; Miotto, 2007, p. 38). Ao passo que levantávamos artigos, dissertações, teses, livros, dedicamo-nos à leitura, a priori, de forma rápida, apenas com a finalidade de selecionar o que encontramos de mais relevante para nossa pesquisa, o que as autoras chamam de leitura de reconhecimento do material bibliográfico.

O nosso trançar investigativo realiza procedimentos “considerando a contradição e o conflito; o ‘devir’; o movimento histórico; a totalidade e a unidade dos contrários”, (Lima; Miotto, 2007, p. 39) própria do método dialético. Uma vez que nossa problemática consiste em investigar as tendências da produção editorial de livro para crianças, por meio dos livros para crianças com selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ. Conforme já afirmamos, trata-se de um produto de bem cultural e ao mesmo tempo um produto mercadológico.

No que diz respeito às estratégias investigativas, estamos utilizando a pesquisa bibliográfica - iniciada pela revisão de literatura, buscando material teórico já publicado, que embasam o conhecimento sobre o fenômeno em estudo, cujos instrumentos são: livros, teses, dissertações, artigos, conferências, palestras, dentre outros. Aqui nos baseamos no que diz Lima e Miotto (2007, p. 38) “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. De modo que as definições e concepções apresentadas em nossa pesquisa estão sendo elaboradas a partir de tais procedimentos.

3 ANÁLISE E RESULTADOS

Nossa pesquisa está inserida em dois grandes campos de conhecimento: da produção editorial e da literatura infantil; esta última, com base em Mortatti (2001), ainda é muito recente no mundo - teve início no final do século XIX; já no Brasil, o marco inicial foi à obra de Monteiro Lobato “Narizinho Arrebitado”, datada de publicação no ano de 1920. Em 1970, houve uma explosão na produção editorial de livros para crianças e jovens, aspecto que contribui para intensificar os estudos neste campo, com intuito de estabelecer uma teoria própria deste gênero literário.

Segundo Zilberman (2003, p. 33), “o progresso das técnicas de industrialização chegou à arte literária” no século XVIII, momento em que surgiu também a literatura infantil, a princípio com finalidade pedagógica, carregando por muito tempo, talvez até os dias atuais, um olhar diminuído dentro do fazer literário, considerado como um gênero menor. Nos estudos que realizamos sobre a história do livro, encontramos muito mais que os conteúdos a respeito do tema, encontramos sobretudo no texto de Robert Darnton (2010), o relato de como se deu a pesquisa sobre a história do livro e que notadamente foi uma pesquisa de análise documental, pois os historiadores levantaram dados em relatórios, documentos contábeis, pedidos de compras, analisaram e apresentaram os resultados.

O livro consiste num objeto que se determina numa relação entre quem o produz e quem o lê, afirmamos isto com base no que encontramos nas livrarias, nas bibliotecas, nos sites, enfim, nos mais diversos espaços de circulação. Nestes, encontramos ficção, história da humanidade, economia, instruções, cálculos, teorias das mais diferentes áreas do conhecimento. Não só isso, Chartier (2010, p. 8) ao apontar as relevantes contribuições de Don Mckenzie, afirma que “o sentido de qualquer texto, seja ele conforme aos cânones ou sem qualidades, depende da forma que o oferecem a leitura, dos dispositivos próprios da materialidade do escrito”.

Portanto, trata-se de um objeto que para ser compreendido em sua plenitude precisa ser explorado, desvendado por seu leitor em todos os seus aspectos, suas nuances, em seus mínimos detalhes, os quais estão presentes na capa, na contracapa, na quarta capa, em sua ficha técnica, no sumário, no prefácio, na apresentação, na introdução, na dedicatória, nos capítulos, na conclusão, nas referências bibliográficas; além de tudo que o projeto gráfico oferece - a estruturação do texto, a disposição das imagens, as cores, o tipo de papel, a ilustração, ou seja, um mundo a ser percorrido, cuja “materialidade do escrito”, segundo Chartier (2010, p. 8), ocorre de tal modo como “[...], no caso dos objetos impressos, o formato do livro, a construção da página, a divisão do texto, a presença ou ausência das imagens, as convenções topográficas e a pontuação”.

O livro é um produto cultural que passou por um processo histórico, cuja evolução está diretamente ligada às transformações e inovações da indústria editorial. Um fenômeno que proporcionou a popularização do produto, pois a partir da imprensa, foi possível produção em massa. Sendo o livro um bem cultural, não podemos esquecer que “A indústria cultural vende cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor”. (Chauí, 2009, p. 34)

Dialogando com o que já discutimos sobre a história, observamos que as reflexões e preocupações que temos hoje, na verdade, originam-se num período um tanto distante do nosso, Darnton (2010, p. 194) nos propõe reflexões, por exemplo, relacionadas aos autores, o modo como estes constituem-se enquanto tal, ao longo dessa história, bem no início, há

uma relação muito forte com os detentores do poder, não por acaso, grandes escritores eram patrocinados pela nobreza palaciana. Isso também nos faz perceber que o livro, ao menos o impresso, surgiu como um possível objeto de luxo, de pouquíssimos privilegiados, aspecto que impacta em nossas práticas até os dias de hoje, quando se discute sobre a circulação e acesso aos livros de qualidade. Outra contribuição importante do referido autor é que para termos uma história do livro mais consolidada, precisamos estudar todo o circuito em torno dele, tanto o da produção, quanto o da circulação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmamos inicialmente, nosso propósito aqui era provocar algumas reflexões acerca da definição do objeto livro, ampliando para a compreensão do que é o livro para crianças. Identificamos que este é um campo vasto de possibilidades e por isso de uma complexidade instigante. É complexa por se tratar de algo que precisa ser compreendido conforme a história que o delinea, considerando as nuances que o rodeiam, os sujeitos envolvidos num processo grandioso que resulta nesse bem cultural que precisa continuar sendo estudado.

O livro para criança, por se tratar de um suporte direcionado ao público infantil, exige de escritores, ilustradores, produtores editoriais, educadores, promotores de leitura, o cuidado com o público, compreender que a criança, embora ainda esteja construindo seu repertório, ou ao menos bem no início dele, não é um ser passivo que deva aceitar qualquer produto, daí a importância, por exemplo, das editoras, dos especialistas, terem o devido cuidado quanto ao índice catalográfico, ao classificar os livros em sua maioria como literatura. O cuidado em oferecer às crianças que só tem acesso ao livro na escola, a mesma qualidade que aqueles disponibilizados nos catálogos para serem vendidos individualmente.

As inquietações inerentes à dialética de ser o livro um bem cultural de valor simbólico, ao mesmo tempo em que é um produto mercadológico permanecem e tentaremos ampliar os conhecimentos sobre o livro para criança, sobre a própria criança e a infância. Um entrelaçado que pode impactar positivamente, inclusive na indústria editorial, uma vez que ajustes possam ser realizados, no sentido de retirar equívocos que podem parecer pequenos, mas não o são quando os discutimos cientificamente, como, por exemplo, as fichas catalográficas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- ALFONSO, Emília Gallego. **Despalavra e moralidade na literatura infantil**, in: SERRA, Elizabeth (org.). *Ética, Estética e Afeto na Literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Global, 2001.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução: Carmem Cacciocarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis**: sobre leitura e crítica. Tradução Carolina Tárreo, São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

BISSOLI, Michelle de Freitas. Desenvolvimento da Personalidade da Criança: o papel da educação infantil. **Psicologia em estudo**. Maringá: v. 19, n. 4 p. 587-597, out./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-73722163602>. Acesso em: 22 jul. 2022.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Pesquisa em Educação e formação pela pesquisa: nada é tão simples quanto quer parecer. *Quaestio*, Sorocaba, SP, v. 21, n. 3, p. 807-827, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3741/3497>. Acesso em: 01 abr. 2022.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Os incômodos com, da e pela literatura infantil. **YouTube**, 25 de março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LekvDNnvu2Q&t=1717s>. Acesso em: 18 de ago. 2022.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**, in: Vários Escritos, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora UNB, 1998.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". **Revista Humanidades**, São Paulo: Estudos Avançados/USP, v. 24, n. 69, p. 7 - 30, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000200002>. Acesso em 30 out. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**, Salvador: Secretaria de cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

DAHER, Juliana; FARIAS, Fabíola. **O livro das perguntas**. Belo Horizonte: Ed. das autoras, 2023.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: Passado, presente e futuro. Tradução Daniel Pellizzari. SP: Companhia das Letras, 2010.

FARIAS, Fabíola; FERNANDES, Cleide. **Apontamentos sobre livros para crianças no Brasil**: criação, edição e circulação, PINHEIRO, Marta Passos; ANDRADE, Jéssica M. (org's.). *Literatura Infantil e Juvenil: campo, materialidade e produção*, Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; BRITTO, Luiz Percival Leme; SANTOS, Zair Henrique. O que faz de "Minsk" e "Luciana" livros para crianças: concepções de crianças e leitura em projetos editoriais. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 115 a 129. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2020v38n78p115-129>. Acesso em: 27 maio 2022.

FNLIJ. **Mensagem do IBBY às Crianças do mundo no Dia Internacional do Livro Infantil 2023**. Rio de Janeiro, 30 mar. 2023. *Facebook*: Fnlij - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Disponível em: https://www.facebook.com/FNLIJ?locale=pt_BR. Acesso em: 26 maio 2023.

HANSEN, João Adolfo. **O Que É Um Livro?** Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira e estudos literários. **SciELO**. Estudos. Literatura Brasileira Contemporânea, jul-dec 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/>

4Jd4BDqVFQVQLzNykYnYPpQ/?lang=pt. Acesso em: 24 fev. 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.

LEITE, Márcia. A produção editorial do livro infantil. **YouTube**. 02 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NdUx3u0uRik&t=1480s>. Acesso em 11 abr. 2022.

LIMA, Telma Cristiane; MIOTO, Regina Célia. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2023.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. **A criança e a leitura literária: livros, espaços, mediações**, Curitiba: Positivo; Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2012.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v25n01/v25n01a05.pdf#:~:text=Para%20a%20Teoria%20Hist%C3%B3rico-Cultural%2C%20o%20desenvolvimento%20da%20crian%C3%A7a,cria%20as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20indispens%C3%A1veis%20para%20essaapropri%C3%A7%C3%A3o%20e%20desenvolvimento>. Acesso em: 05 de maio 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

MOMO, Mariangela. COSTA, Marisa Vorraber. Crianças Escolares no século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, 965 - 991 set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/NBpzTPtSzby3Dvf3ZP9fFGh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de maio 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Itinerários**, Araraquara, 17: 179 - 187, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/3458/3222>. Acesso em: 27 de maio 2022.

PORTELLA, Oswaldo. Vocabulário etimológico básico do acadêmico de Letras. **Revista Letras**, Curitiba: UFPR, v. 33, p. 103 - 119, 1984. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewArticle/19320>. Acesso em: 09 jan. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro e multimodalidade: concepções em trânsito na obra de Gunther Kress. **Revista Dispositiva**, Belo Horizonte: PUC Minas/UFMG, v. 11, n. 20, p. 158 - 172 - ago/dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2022v11n20p158-172>. Acesso em: 09 jan. 2023.

SANDRONI, Laura. **A estética na literatura para crianças e jovens**, In: SERRA, Elizabeth (org.). Ética, Estética e Afeto na Literatura para crianças e jovens. São Paulo: Global, 2001.

SIGNIFICADO de Tecitura. Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/tecitura/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SILVA, M., and VALDEMARIN, VT., (orgs). **Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <https://books.scielo.org/>. Acesso em: 01 jul. 2023.

YVESMOLLIER, Jean. A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo

mental dos homens do século XVIII ao século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 25, no 42: p.521-537, jul/dez 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752009000200008>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. rev. atual e ampl. São Paulo: 2003.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

1 – CRISTIANE PEREIRA MOREIRA

Mestra em Letras, Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa, Brasil <https://orcid.org/0009-0002-7116-7652> – moreira.p.cris@gmail.com

Contribuição: Autor

2 – ZAIR HENRIQUE SANTOS

Doutor em Educação, Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa, Brasil <https://orcid.org/0000-0001-9798-7478> – zair.santos@ufopa.edu.br

Contribuição: Autor